

# Constituição Identitária Juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez

Valéria Silva\*

Artigo

## 1 Na fluidez dos *bites*: canal Só Dá Festa - #sdf

O presente artigo origina-se dos estudos apresentados na tese de doutorado por mim apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. A pesquisa de campo foi desenvolvida junto a três grupos juvenis diferentes, sediados em Florianópolis-SC, e para o desenvolvimento desta análise me apóio especialmente nos achados relativos ao grupo Só Dá Festa – SDF, o qual apresento brevemente.

O grupo Só Dá Festa – SDF é um coletivo juvenil organizado em torno de um canal *on-line*, ambientado no *Internet Relay Chat* – IRC e de atividades *off-line*. Foi criado por dois jovens – o Squad<sup>1</sup> e o Vascão\_10, – por volta do dia 22 de julho de 2002, com a motivação de “montar um canal que fosse pra agarrar guria”, voltando-se em seguida também para a organização de festas e outros eventos de lazer. Ambos os rapazes já tinham certa experiência com canais do IRC.

No geral, os membros do grupo provêm de setores sociais médios, contabilizando por volta de 40 no início da pesquisa. A faixa etária encontra-se entre 13 e 21 anos de idade, sendo a maioria do sexo masculino. Geograficamente, encontram-se dis-

---

\* Doutora em Sociologia Política e professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: valeriasil@uol.com.br

<sup>1</sup> As denominações relativas ao grupo são fictícias.

tribuídos por toda a cidade, verificando-se uma maior concentração em dois bairros situados na Ilha e no Continente.

Normalmente, os canais virtuais possuem uma estrutura interna mínima, apresentando o seu *founder*, os *successors*<sup>2</sup>, os operadores-OPs<sup>3</sup> e os *voices*, o que se verifica também no SDF. O *founder* é o fundador do canal, o qual é reconhecido como o **dono** e seu principal operador – *status* conferido pelo próprio Protocolo do IRC, como designam os seus criadores Oikarinen e Reed (1993):

[...] is considered to “own” the channel. In recognition of this status, channel operators are endowed with certain powers which enable them to keep control and some sort of sanity in their channel. As an owner of a channel, a channel operator **is not required to have reasons for their actions**, although if their actions are generally antisocial or otherwise abusive, it might be reasonable to ask an IRC operator to intervene, **or for the users just leave and go elsewhere and form their own channel.** (grifos meus).

Esta regra básica de convivência – se não está de acordo com algo, o mais recomendado é o usuário sair e ir fundar o seu próprio canal, já que é realmente possível a qualquer um fazê-lo – faz com que, na prática, o *founder* não seja suscetível a controle ou sanções dos operadores do sistema IRC – os IRCops. Assim, o *founder* tem todos os poderes no canal, desde aqueles relativos ao estabelecimento da hierarquia interna, à administração cotidiana do espaço virtual, bem como o de fechá-lo temporária ou definitivamente, cancelando o seu registro. Possui importante interferência também junto às relações grupais *off-line*.

Em tese, tanto o *founder* quanto *successors* e OPs – nesta ordem – têm competências técnicas e poderes similares para premiar e punir membros e/ou visitantes. Mas, no caso do grupo pesquisado, a política verticalista interna não permite que aqueles tomem maiores decisões sobre o canal e sua estrutura sem o conhecimento e

<sup>2</sup> São OPs registrados pelo *founder* como a sua segunda pessoa, os seus substitutos, com ascendência sobre os demais OPs e usuários.

<sup>3</sup> Lideranças do canal investidas no posto pelo *founder*. São identificados pela aposição do símbolo @ antes do codinome adotado no ambiente virtual – o *nick*.

a concordância do *founder*. A prática da concentração de poder é visível diante dos demais membros, tanto no espaço virtual quanto no espaço das relações face a face. É dele a prerrogativa da última palavra em relação a quaisquer interesses que envolvam o grupo. Os *voices* não têm qualquer poder, tratando-se apenas de uma distinção concedida por aqueles que ocupam a hierarquia do canal aos seus amigos ou para conter a pressão da demanda por @.

Na convivência virtual do grupo, são aspectos fortes o uso de um *nick* – que se estende à materialidade – e uma linguagem específica que se mostra como a resultante da combinação de palavras comuns, palavras alteradas, onomatopéias, gírias, abreviaturas criadas, letras, sinais, números, gravuras e símbolos específicos – os *emoticons*<sup>4</sup>.

Nos encontros face a face, além dos contatos cotidianos nos bairros, o grupo realiza passeios diversos, churrascos, jogos de futebol etc. – os chamados IRContros –, bem como as festas. O grupo não possui local fixo ou formal para os contatos rotineiros. Além dos locais públicos ou privados onde realizam os IRContros, os membros são assíduos em *lan houses* dos bairros onde residem, nas casas dos amigos, e parte se encontra com certa regularidade no Estádio de Futebol Ressacada.

É essa rotina geral de convivência *on* e *off-line* que conforma e sustenta esse coletivo como um lugar de práticas e vivências constituintes de uma certa juvenildade aqui em apreço.

## 2 SDF: quando a segurança, as regras e os valores se esmaecem

Distanciando-se de sua motivação original, o canal operou uma modificação do seu perfil. Segundo as informações, isso se verificou em decorrência da disputa virtual que deflagrou com outros canais pelos recortes de acesso de membros e visitantes.

<sup>4</sup> Símbolos criados a partir dos sinais gráficos do teclado que, através de manifestações gestuais e faciais, expressam as emoções que vão povoando o desenrolar de uma conversa, tais como: Choro: ~ ( . Sorrisos: )) ou XDD. Beijos :@~. Abraços: |]s.

O tom acirrado foi gerando agressões virtuais mútuas, desencadeando enfrentamentos também na vida *off-line*. Por outro lado, a entrada no SDF de participantes desconhecidos, provenientes de outros canais que tinham uma certa história de brigas como traço marcante de suas práticas, trouxe novos desentendimentos para o interior do SDF. Além disso, fatos que remontavam à fundação do grupo, também problemas com um outro canal da cidade, sendo razão para enfrentamentos face a face: “É... O rolo do SSF foi porque eu fiz o canal e eles não gostaram”; “[...] Aí eles entravam [no canal] e provocavam de novo. E aí a gente foi no encontro deles e [...] batemo neles!”.

A defesa do território surgiu, na relação do grupo com outros canais, como razão para enfrentamentos, como explica Chips:

Coisas de briga com o SDF. Eles queriam invadir [o bairro], depois ficavam invadindo e croudiando o canal. Sacaneando com a nossa cara. Aí nós [...] tivemos de mostrar pra eles quem mandava aqui e no canal. Demo porrada neles. Eu peguei um bonde de sete. Dei porrada num e depois no resto todo. O SMILISH também meteu soco na cara de um deles aqui. Foi muita porrada... Nesse tempo, eu passei a andar armado, porque eles queriam me quebrar mesmo... (Diário de Campo, 2/5/04).

Também o espírito de corpo que o caracterizava fez com que rompesse com o Só Dá Nós – SDN, tomando para o coletivo um desentendimento de um dos seus membros: “A gente foi lá só porque o Toty queria bater num desses guris do SDN...”. (Smilish, em entrevista, em 22/4/04).

A assunção particular dos problemas engendrados pelo grupo tinha no outro pólo a proteção oferecida pelo grupo a todos que pertenciam à “raça” do SDF. Assim, trazia-se também para administração no âmbito coletivo desavenças pessoais, independente de onde fossem geradas. Desse modo, o grupo chegou a se envolver em brigas para acerto de contas de seus membros, complicando e aumentando o raio de intrigas no qual se envolvia. Durante o II Baile Funk do SDF por mim acompanhado, um canal desafeto – o NSF – invadiu o prédio e tentou invadir o salão de festas onde acontecia o baile, “pra quebrar o pau, fechar na porrada!”. Embora com a confusão instalada, a escolha de alguns,

como disse Chips, era a de não chamar a polícia, “[...] porque aqui ninguém vai alcagüetar ninguém. Ligar pra polícia, nem pensar! Se eu apanhar, depois eu desconto!”.<sup>5</sup>

Foi todo o desenrolar dessas situações que estabeleceu uma mudança definitiva de atitude no canal. De canal que fazia festas, passou a ser visto como canal que voltava suas práticas *off-line* principalmente para o enfrentamento de outros grupos. Entretanto, imiscuir-se neste cenário implicou um alto preço. Novos desafios surgiram para o grupo, desafios que cresceram para além da sua vontade e capacidade de administração interna. Conduzir e assumir o novo perfil delineado implicava colocar-se na rota de vários canais que adotavam o estilo “brigão”, assumindo o risco de despertar antipatias e ter de lidar com as encrencas que isso gerava, especialmente na realização dos seus eventos, quando já se viam marcados pelos outros grupos, desencadeando constantes intranqüilidades a enfrentar.

Para os que concordavam com a nova postura diante dos demais canais, adotá-la era também um recurso de auto-afirmação dentro do grupo. A competição interna conferia legitimidade à atuação de cada um conforme os novos parâmetros dominantes de atuação do grupo, principalmente diante dos membros do

<sup>5</sup> A relação tensa e de distanciamento em relação aos policiais é uma constante no grupo. No caso de alguns jovens, a convivência com os traficantes aparece como mais tranqüila e confiável, como ilustra o depoimento que segue:

[17:53] GOLDEN: É do bairro onde eu morava [a Escola de Samba] [...]. Lá tem um monte de coisa ruim.

[17:54] vava\_pesq: Coisa ruim gente ou coisa ruim coisa?

[17:54] GOLDEN: Gente e coisa também. Drogas, armas.

[17:55] vava\_pesq: E fazem o quê? Tu conheces as pessoas?

[17:55] GOLDEN: Conheço todo mundo. Morei 11 anos lá. Conheço todos os traficantes. heaiueheaiueh

[17:56] vava\_pesq: Não tem medo?

[17:57] GOLDEN: Não. São tudo sangue bom, amigos.

[17:57] vava\_pesq: Amigo ou coisa ruim?

[17:58] GOLDEN: Amigos e coisa ruim. Mas, tipo, nunca me fizeram mal e eu confio neles. [...]

[17:59] vava\_pesq: E o que eles fazem de ruim e de bom?

[17:59] GOLDEN: São solidários he he. Qdo alguém vai lá, eles conversam \*\*\*

(pvt no #sdf, 12/02/04, grifos meus).

sexo oposto. Ser valente, “ter coragem” de fazer as coisas que outros faziam perfazia um certo ritual para a aquisição de posições de maior respeito e possibilidade de admiração dentro do SDF.

Durante a pesquisa, verifiquei ainda a vigência de um código interno para o controle e a administração de interesses que se materializava em penalidades variáveis desde críticas e “focacas” dos membros em geral, através das conversas privadas no canal, especialmente, passando pela advertência – que é a reclamação direta do *founder* a alguém –, chegando até a expulsão do membro. Segundo Squad: “[...] dependendo do que a pessoa fizer de errado, ela sai do grupo e não volta mais. Expulsa. E se – tipo – não tá mais ajudando o grupo, anda com outros grupos e tal [...] perdeu a confiança do grupo”. Na eventualidade de voltar, “[...] a gente fica com o pé atrás e sempre comentando dessa pessoa”.

Outra ação de controle e de reafirmação das pessoas nos lugares que elas ocupam no coletivo é a prática do *bullying*<sup>6</sup>. Pude verificar que nos encontros – e entre os meninos – vige uma prática explícita de “pequenas violências”. Apelidos de mau gosto – “as pidades” –, exposição ao ridículo e humilhação são práticas corriqueiras contra aqueles que se colocam em posição inferior junto à estrutura do canal ou aos critérios de coragem ou condição financeira diferenciada que vigem na expressão grupal *off-line*. Às vítimas, os autores do *bullying* oferecem alimentos adulterados; comem e bebem excluindo-a do coletivo, expulsam a pessoa de pequenos grupos de conversa – as “panelinhas” –, provocam pequenas queimaduras nas roupas com pontas de cigarro; tomam provisoriamente roupas, calçados, pertences, ameaçando estragá-los ou jogá-los fora, fazem chacota diante do medo de uns por outros membros do grupo e, diante de uma reação mais forte, utilizam da ameaça física para conter a resistência da vítima.

<sup>6</sup> Segundo Lima (dez/04), *bullying* é um termo inglês que designa o comportamento agressivo e repetido contra outrem, provocando intimidação, exclusão, humilhação, perseguição, exposição ao ridículo, entre outros. Normalmente, a prática é adotada pelos mais fortes, mais populares ou que detenham algum tipo de poder dentro do grupo contra aqueles que têm o perfil oposto. Ainda de acordo com Lima, o prejuízo do *bullying* para quem o sofre varia desde a enurese noturna, queda de auto-estima, depressão até o próprio suicídio.

A prática do *bullying* acontece também no canal pelas formas possíveis dentro de um espaço virtual, que é através da escrita. Xingamentos, ameaças e “pididas” com determinados membros são práticas corriqueiras. O *bullying* praticado *on* e *off-line* normalmente alia de um mesmo lado alguns OPs e o *successor* de um dos bairros da Ilha com o *founder* e alguns OPs do Continente contra os membros de perfil menos expressivo do grupo, sejam esses OPs. Fora desses momentos, o subgrupo da Ilha adota um discurso uníssono nas disputas que estabelece com o subgrupo do Continente, que é responsável por muitas tensões no interior do grupo.

No grupo em estudo, o *bullying* também atinge pessoas comuns presentes no local em que está reunido o grupo, embora dele não façam parte. Considerando como práticas divertidas, por algumas oportunidades parte dos membros se dirigiram aos bairros de maior atividade noturna atirando tomates nas pessoas ou batendo nelas com os tapetes dos carros em que se deslocavam: “[...] as pessoas levam o maior cagaço!”.

As práticas gerais aqui aludidas rapidamente, tendo em vista os limites deste espaço, encontraram a sua radicalidade última em duas circunstâncias: primeiro, quando alguns membros passaram a subtrair pertences de meninos de menor idade que, às vezes, encontravam nas ruas ou outros bens constantes do interior de automóveis. Segundo, no porte de arma por parte de um dos meninos. Esses incidentes, entre outros, culminaram com a prisão – em mais de uma oportunidade – de alguns membros do grupo, a maioria residentes na Ilha.

A paulatina mudança de perfil do grupo, tanto na internet, quanto *off-line*, causou insatisfação para muitos membros que participavam dele desde sua fundação, provocando muitos afastamentos, especialmente de meninas.

O modo como constroem a relação com o outro e como delineiam o seu próprio lugar social encontra-se em muito configurado nas práticas acima apresentadas. No tópico seguinte, procuro elucidar os sentidos que possuem essas “escolhas” como constituintes de uma certa identidade juvenil.

### 3 Falando de um outro lugar: o recurso ao excesso

*Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...*

Está nos versos da canção de Caetano, quando feitos na década de 60, um “caminhar contra” que simbolizava oposição aos tempos trazidos pela ditadura militar, de normas rígidas, de padrões morais considerados conservadores. Era o brado de uma juventude atuante, que apostava numa determinada liberdade e no seu próprio poder tido como capaz de construir o novo.

*Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...*

Trazidos para a atualidade, os versos mostram o mesmo poder de tradução do real vivido, denunciando, talvez, um outro enfoque. Poderiam falar da juventude que parte sempre a cada dia na sua aventura de amadurecimento. De uma juventude solitária, abandonada à própria sorte, destituída de proteção ou limites. Sem lenço, sem documento... A única presença é o vento – fluido e amorfo – que **vem contra**, arrastando a juventude, “presa da fluidez” dos tempos voláteis atuais.

A partir do que encontrei nos dados, o SDF se apresenta como representante legítimo de um segmento juvenil que vive esse momento de liquidez de referências e de forte interferência da realidade virtual no cotidiano das vidas. A representatividade dar-se-ia inicialmente pelo fato de grande parte do grupo, de faixa etária mais baixa, estar neste instante experimentando a sua transição da infância para a adolescência e tendo de lidar com a profunda transfiguração dos valores hoje vigente. Em segundo lugar, por ser um grupo que lida intensamente com a presença do computador, da internet, do celular e outros signos desses novos tempos, estando exposto à influência considerável que esses aspectos produzem sobre os processos de formação juvenis e muitas vezes ajudando a produzir realidades novas que, de vários modos, alteram e até substituem antigas referências.

Alguns autores apontam que, na faixa etária em que se encontra o coletivo em análise, o agrupamento normalmente desempenha um papel específico de elaboração das interlocuções com o mundo, de autonomia, de busca de reconhecimento, etc. – (FAU, 1968; CALLIGARIS, 2000) e que, por vezes, esta pode se

expressar por uma perspectiva de revolta e violência (LAPASSADE, 1968), normalmente passageiras. Não obstante esse fato, penso que novas questões requerem ser analisadas para além daquelas entendidas como atinentes à conhecida “crise da adolescência”. O material colhido junto ao grupo aponta para uma certa caracterização da experiência de busca do amadurecimento como um todo, numa sociedade onde os caminhos, o modo e a razão de amadurecer já não são dados ou sequer claros. Isto é, não estamos tratando apenas de questões passageiras, localizadas e particulares, mas de um certo jeito de ser e estar no mundo como jovens.

Nesse sentido, penso que a radicalidade da mudança dos valores tem levado a uma fluidez do mundo em que vivemos – potencializada pela perspectiva da realidade virtual –, mostrando-se, assim, como uma perspectiva com forte capacidade explicativa do que encontrei neste grupo. Num real onde não há mais lugares concretos, definir/conquistar/marcas um lugar revela-se uma tarefa por demais árdua, e o instrumento que se mostra mais eficiente para alguns é o viver ostensivamente no sentido de cumprir uma demanda dos adultos (CALLIGARIS, 2000); é a adoção do excesso como norma e como estratégia de ser percebido (BAUMAN, 2003). É a tomada do hiper-real como regra básica da vida em todas as suas manifestações (BAUDRILLARD, 1988).

No sentido de esclarecer o que afirmo acima, sigo considerando que, na sociedade tradicional, os mais jovens não apenas ocupavam lugares sociais definidos, mas tinham conhecimento do momento certo e da maneira pela qual passariam a fazer parte do segmento social adulto. Sendo os ritos de passagem presentes, grosso modo, em todas as sociedades a expressão social dos fenômenos físicos que de alguma maneira transformavam o menino/menina em homem/mulher. Tanto a vida juvenil quanto a adulta possuíam sentido proveniente de uma dinâmica social que demandava e atribuía a cada um as vantagens e as responsabilidades do lugar social ocupado. A comunidade dava suporte à extensão da narrativa pessoal, fazendo com que esta subsistisse para além da restrita existência física e “plantava nos corações e mentes” da maioria dos jovens o desejo de conquistar a idade adulta, tendo em vista que aí estava fixado socialmente o signo de

realização plena da vida (CALLIGARIS, 2000). Não é o que vivenciamos na sociedade moderna, especialmente na sua atual fase.

O advento da modernidade e a ascensão plena do indivíduo como ponto de partida e de chegada de suas batalhas e conquistas a ele atribuem a tarefa de construir-se o melhor que pode sem os freios e apoios da tradição, da comunidade e da fé, entre outros. A radicalidade da particularização da vida tem colocado desafios cada vez maiores ao indivíduo que, na atualidade, se guia por ostensivos sinais que lhe dizem ser indispensável consumir o que há de mais novo no mercado, ser belo, famoso, bem-sucedido e, fundamentalmente, ser sempre melhor que o seu parceiro do lado. Esta não é uma empreitada fácil, a qual cada vez mais os adultos, insatisfeitos com sua própria performance, delegam aos jovens realizar.

Os desafios do mundo moderno quanto ao desenraizamento da tradição e às mudanças político-econômico-culturais têm retirado as certezas do mundo adulto e todo o estofo social para o desenvolvimento juvenil. A realidade prenhe de incertezas tem implicado em que as famílias busquem constituir “artificialmente” o ambiente propício a esta maturação. Os longos anos de polivalente formação – especialmente nos setores sociais mais abastados –, a privação de responsabilidade em relação às normas sociais, no geral, e ao auto-sustento em particular, o direito inalienável ao lazer e à fruição são algumas características dessas condições que se costumou nominar de moratória e ao qual o jovem passou a usufruir como um direito da sua adolescência.

A moratória, entretanto, tem se apresentado ao longo dos anos numa tendência crescente à medida que também crescem as exigências do mundo quanto a um lugar que cada um deve nele ocupar e tem sido uma das dificuldades de entendimento e de recorte das fronteiras etárias do que é ser ou não ser jovem. Para Calligaris (2000), constitui-se na verdade em um estágio de “limbo”, no qual se retira do jovem todo um potencial que ele já tem condição de oferecer, mas que a sociedade não está preparada para receber. Constitui-se, assim, um problema a ser enfrentado, que é a materialidade de corpos semelhantes aos dos adultos, capacidade intelectual idem combinados a uma condição de maturidade tute-

lada. Assim, não há lugar reconhecido para o jovem, que é socialmente colocado numa posição de espera. Para esse autor, é contra essa realidade que o jovem se insurge para construir o seu lugar no mundo, encontrando no grupo o único espaço de elaboração do seu desafio, especialmente aqueles atinentes aos agrupamentos de menor idade, como é o caso do grupo em estudo.

Mas é exatamente quando busca o “seu” lugar como adulto que o jovem encontra os maiores desafios. Depara-se com um mundo onde os adultos se movem em torno de uma perspectiva construída de vida ideal encontrada no período da juventude – fase em que não temos que nos preocupar com o sustento, com as consequências das regras sociais; fase em que o tempo livre para o lazer e a fruição é estendido e na qual se desfruta de uma tolerância social para erros e irresponsabilidades. O jovem encontra o “espelho”, o reflexo do que já experiencia na sua realidade imediata.

Além disso, outro fator importante é quanto aos valores adotados numa sociedade do consumo, vivendo sob intenso processo de perdas das referências. Ser belo, ter sucesso financeiro, ser “o popular”, desfrutar do prazer, conquistar a felicidade – facilmente confundido com o consumo das marcas e produtos famosos, bem como lançar mão de qualquer estratégia humana ou técnica para “adquirir” tais predicados – são as mensagens que conformam o real, substituindo os parâmetros éticos antigos por determinado perfil estético freneticamente perseguido (BAUMAN, 2003). A vida material passa a ser povoada de sonhos ilimitados, por sua vez ancorados em bens de consumo colocados ao alcance de todos que conseguirem adquiri-los no mercado<sup>7</sup>. Sonhos possíveis a todos e nem de longe privativos dos pré-requisitos de um corpo jovem. Bens e produtos são a promessa da eterna espiral de sensações agradáveis de consumo imediato, fazendo com que

<sup>7</sup> No caso do grupo em análise, percebi que a aquisição de um certo padrão de consumo que possibilite o acesso a uma vida confortável surge como um ponto importante de articulação dos discursos. A aquisição de bens de mercado, o acesso ao lazer, ao ensino superior, a construção de uma carreira aparecem como um curso de estruturação das vidas. Não soam estranhas as falas frequentes que apontam em igual importância ter “um carro, uma casa e uma mulher” como as mais relevante metas de futuro e mesmo de sumarização do sentido de suas vidas.

o surgimento e a “satisfação” do desejo sejam sempre remetidos ao objeto, ao bem. Desse modo, o “[...] código atual de escolha gera portanto um agente cuja competência consiste primordialmente na capacidade de localizar uma promessa de sensação agradável e então seguir os sinais e pistas que marcam o caminho para a sua apropriação” (BAUMAN, 2000, p. 82).

Assim, o mundo adulto produz e passa a alimentar numa redoma tipos indispensáveis às suas vidas. Seja organizando a existência pelos parâmetros fluidos da rede virtual – onde se pode ter qualquer característica, qualquer poder, qualquer identidade –, seja numa materialidade eivada de fantasmas gerados pela adesão aos valores estranhos à sua personalidade, cultura ou território. Nessa jornada, o mundo adulto consome-se nutrindo e tornando real “para fora de si” um universo e um rol de personagens que lhes são trazidos pela internet, pela TV, pela academia, pela revista de famosos, pelo outdoor, pelo *shopping*. Completa o mundo adulto de fantasias o desejo de viver em “estado de moratória” como os jovens, em todos os sentidos, inclusive na questão da não observância às regras socialmente acordadas.

Desse modo, quando Calligaris (2000, p. 59) se pergunta: “Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos?”, o que faz é, na verdade, explicitar que essa situação cumpre um determinado papel na sociedade em que vivemos. Para o autor, os jovens realizam a vontade não confessa – mas comunicada subliminarmente de vários modos – dos adultos.

Por essa perspectiva, aos jovens é colocado um novo desafio quanto à interpretação da Esfinge. A resposta atual para o “Deciframe ou te devoro” não é mais elucidar o que é ser um adulto e compreender como ser um deles no emaranhado social no qual vai adentrando, mas entender-se numa relação de espelhos com os adultos. Aceitá-los como pares em diversos campos da vida: nos valores adotados, na expressão do corpo, na moda, no lazer, na relação com o mundo do trabalho. Não há relação de ascendência, mas de parcerias incorrendo num “[...] colapso dos rígidos esquemas de separação biográfica” (FEIXA, 2004, p. 2). A resultante dessa equação é a ratificação da perspectiva adolescente como a única

válida na relação com o mundo; não há nada a ser buscado pelos jovens fora do seu lugar, **eles já estão no lugar desejado por todos**. Fecha-se um labirinto de espelhos onde o jovem não consegue se destacar e se afirmar como algo diferente – questão de suma importância para os sujeitos em individuação/formação.

Diante de tal situação, resta, portanto, a intensificação, a radicalização de tais práticas e a perda dos limites na busca da diferenciação, da visibilidade, do reconhecimento como alguém diferente dos adultos. Nesse sentido, pensa Calligaris (2000) que a revolta juvenil – e eu complemento, a violência manifesta de várias maneiras – não mais se dá por oposição à exclusão que os jovens sofrem do mundo adulto, mas para buscar um reconhecimento mais custoso de ser conquistado num ambiente onde há tantos iguais e em condições mais favoráveis de disputa. **Apenas a transgressão em intensidade cada vez maior pode diferenciar o jovem do adulto, pois este é o campo onde a aquiescência social não se faz em igual dimensão para ambos.**

A ausência de referência adulta externa a ser buscada devolve os jovens ao seu próprio “modelo”, potencializando o papel do grupo juvenil como *locus* de reconhecimento, como já referido. Na relação com os pares, só a intensidade da prática transgressora pode favorecer a diferenciação diante dos demais. Assim, o grupo juvenil apresenta-se também como o *locus* privilegiado para a prática dos extremos. É o espaço de partilha das culpas e dos segredos (Ibid.) e onde, pelo desempenho de cada um, se conquista o reconhecimento tanto do grupo quanto do sujeito em relação ao grupo e aos adultos.

Desse modo, a negação do reconhecimento ao jovem como um ser capaz, preparado para dar a sua contribuição à sociedade, aliada à percepção adotada pelos adultos do mundo adolescente como realizador do seu ideal de vida fixam os jovens numa determinada fase de vida. Esta fase passa a contar com uma valorização social e de mercado extremada, constituindo-se numa teia que prende adultos e jovens num jogo de espelhos e da qual se mostra custoso escapar. Tal realidade inserida em contextos que projetam na individualidade e na sua promoção o sentido maior da existência e em imediatez de perda de referências institucionais não

oferece muitas outras alternativas que não o se impor pelo rompimento de limites quaisquer a fim de conquistar o seu lugar.

### 3.1 *A repressão como resposta*

Não obstante haver uma partilha de valores e práticas como apresentados, não há por parte da sociedade a legitimação formal dessa perspectiva, muito menos a aceitação da responsabilidade pelos resultados que tal realidade têm gerado, especialmente quando estes se traduzem em práticas colocadas para além do que é legalmente aceito. Para aqueles jovens do grupo que são flagrados adotando comportamentos que se furtam ao enquadramento legal vigente, apresenta-se a repressão policial sumária ou a sua condução para o cumprimento de penas alternativas, como a prestação de serviços em instituições do Estado para a assistência a crianças e jovens de baixa renda, individualizando-se a questão e particularizando as “respostas” oferecidas. Uma vez concluído o prazo estabelecido, cessa também qualquer preocupação em relação ao jovem em questão, até que a atitude se repita e venha novamente ao conhecimento dos órgãos responsáveis pelo controle de tais práticas. Como se vê, não se trata de fato fortuito o Estado não mais oferecer à juventude amparo à sua condição de desenvolvimento, pois, como assinala Bauman (2003, p. 90-92):

O Estado não mais preside os processos de integração social ou manejo sistêmico que faziam indispensáveis a regulação normativa, a administração da cultura e a mobilização patriótica, deixando tais tarefas (por ação ou omissão) para forças sobre as quais não tem jurisdição. O policiamento do território administrado é a única função deixada nas mãos dos governos dos Estados...

A triste verdade é que a enorme maioria da população deixada órfã pelo Estado-nação quando este renunciou, uma a uma, às funções geradoras de segurança e confiança pertence a categoria dos “frágeis” e “débeis”.

A juventude tem ocupado com destaque esse lugar frágil, sendo costumeiramente esquecida pela ação protetora do Estado – via políticas públicas – e frequentemente exposta ao alcance do seu braço armado. Em se tratando do enfrentamento das questões sociais

pela via do policiamento e da mera punição, muitos estudos já evidenciaram fartamente o infrutífero desfecho de tais encaminhamentos quando o jovem atinge a sua maioridade civil (OLIVEIRA, 2001).

No caso de muitos membros do SDF, pude verificar que a ação do Estado chega prioritariamente via ação policial, permanecendo as demais possibilidades de intervenção ausentes do universo grupal. E ainda no tocante à polícia, o sentimento cultivado pelo grupo é de completa aversão. É possível afirmar que essa é a presença institucional que goza de maior rejeição no interior do grupo, pelo fato de ele se entender vitimado pelos policiais. Ao interpelarem os citados jovens, o fazem de maneira constrangedora, agredindo-os física e moralmente e acusando-os, por vezes, de atos que alegam não terem cometido. Por assim procederem, fica a experiência de que a diferença substancial entre o policial e o traficante do morro é que, sob determinadas circunstâncias, a relação com o traficante se mostra menos temerária e até vantajosa, como já apontado.

### 3.2 *(Des/re)agregação de referências institucionais: metáforas da incerteza*

Um aspecto importante a considerar em relação à realidade do grupo em apreço é o efeito da extrema flexibilidade à qual estão submetidas referências outras da vida juvenil, como o território, a família e a escola, entre outras. Pautando a sua existência pelos sentidos dos ambientes *on* e *off-line*, o grupo aparece nos depoimentos e práticas vivendo a desconstrução intensa das referências materiais, porém “lutando” ao seu modo pela sua reconstituição, num movimento ambíguo e sem direção definida. Desse modo, a constituição identitária – que vai se dando no estreito instante do movimento de encontro/erosão/resistência/criação das referências materiais e virtuais – mostra-se situada num contexto diluído por definição.

A idéia de território, por exemplo, aparece como uma presença-ausência sentida. A abdicação do território que em princípio a organização virtual implica é a consolidação do não-lugar e, conseqüentemente, a constituição do eu desprendida de tal

conceito, visto não haver contornos ou qualquer visibilidade do eu para além daquela inteiramente produzida pelo usuário diante do seu teclado e motivações inconfessas. Na realidade virtual, lugares e tempos se misturam, e o corpo não conhece limites de quaisquer natureza (LÉVY, 1996). A realidade virtual é a destituição da materialidade; referência que ainda permanece de primeira grandeza para quem busca um lugar material a ocupar, visto que o mundo permanece como o destino de homens e mulheres e o lugar de trocas cotidianas inapeláveis. Como assinala Lapassade (1968, p. 120): “[...] entrar na vida é descobrir que não se pode deixar de dar resposta, qualquer que seja a resposta, ao fato de estar situado numa cultura, num sexo, num sistema social”. Isto é, a uma materialidade.

Penso, desse modo, que a organização do canal, levando em conta o lugar de habitação; os encontros *off-line* que mantêm; os subgrupos ancorados nos bairros em que residem e os conflitos que se seguem em função disso, traduz a resistência grupal à perda da referência local. Explicitam a busca de manutenção de vínculos comunitários mínimos, onde cada um possa ser reconhecido e conhecer-se para além de um amontoado de *bites* obedientes ao desejo fugaz de um *expert* em tecnologia CMC. A forma exacerbada como o fazem talvez seja proporcional à dificuldade que encontram em se fazer perceber e considerar numa realidade que facilmente lhes retira, modifica, liquefaz referências. Possivelmente, “entendem” que, para acessá-las e serem vistos, é necessário “carregar nas tintas”.

Entretanto, a resistência grupal à perda de referências encontra outra dificuldade, quando, ao insistir nos encontros cotidianos com os amigos, se deparam novamente com a condição do não-lugar. Falo do espaço urbano, do bairro que não os reconhece nem é reconhecido por eles. A paisagem local, submetida à ação da especulação imobiliária, assemelha-se a um tabuleiro de damas que a cada investida do jogador muda de configuração. Assim, cada loja, prédio, a *lan house* e as próprias casas onde residem estão submetidas à lei maior da provisoriedade do movimento do mercado (SENNETT, 2005), num avanço incontido à transformação do bairro no lugar de todos e de ninguém, retirando do território o seu sentido e relevância (BAUMAN, 2003).

Em Florianópolis, essa realidade é especialmente verdadeira<sup>8</sup>. A propósito, Fantin demonstra que o “[...] fluxo modernizante acelerou mudanças não só no modelo da cidade e no traçado urbano, mas, essencialmente, no modelo de vida dos antigos moradores e no perfil de sua população atual” (2000, p. 16). Nesse contexto, os deslocamentos das pessoas pela cidade – seja em função de reconfigurações imobiliárias, seja em função dos postos de trabalho que disputam em bairros variados – fragilizam os vínculos, transformando a população em aglomerados de desconhecidos. Essa realidade, entre outros aspectos da urbanidade complexa, dispõe à perda da confiança, de um compromisso mínimo com o outro. No cotidiano do SDF, no mais das vezes, pude observar que os adultos com os quais se relacionam no espaço público assumem em relação aos jovens uma postura de ameaça, desprezo e/ou desconfiança, possivelmente acionados pela concepção pré-formada que caracteriza um primeiro olhar que socialmente se lança sobre os jovens que se colocam sob um determinado protótipo, como esses do grupo investigado. Numa das oportunidades em que estive com o grupo, acompanhei um jovem tentando devolver ao porteiro de um prédio um cabo para telefone que havia encontrado nas imediações. Ao se aproximar da portaria, foi recepcionado em áspero tom de voz com a seguinte pergunta: “O que que tu quer, ladrão?”. Retornando ao grupo, que acompanhava a cena, foi apupado: “[...] otário, otário. Não devias ter ido lá devolver!”. É possível observar o desenrolar de relações de estranheza, tanto entre o porteiro e o jovem quanto entre este e o seu próprio grupo.

<sup>8</sup> Apontada seguidamente pelos órgãos competentes e pela mídia como local de alto índice de qualidade de vida num país que implementa uma política de segurança pública destrocada como o Brasil, a cidade tornou-se a Pasárgada para onde todos querem fugir, com especialidade os brasileiros com maior poder aquisitivo provenientes de São Paulo, do Rio Grande do Sul e os argentinos abastados. Também a sua “descoberta” como pólo turístico nacional e internacional e ainda como pólo educacional é responsável por um considerável fluxo de visitantes e habitantes provisórios. Todos esses aspectos concorrem para o aquecimento do mercado imobiliário, do setor de serviços e do comércio em geral, gerando concomitantemente todas as alterações urbanas e relacionais aliadas a tais realidades.

Do ponto de vista da provisão de **bens públicos** para usufruto coletivo, a ação pública é flagrantemente ausente. Não há praças, parques, quadras, clubes ou outros logradouros públicos que os jovens em tela possam utilizar como “locais de sua comunidade”. Restam as escadarias de centros comerciais, portarias de prédios, as esquinas das ruas ou as calçadas das *lan houses* onde se encontram no cotidiano. Mais uma vez, o local e sua cultura se desmaterializam, para reaparecer em suas falas quando criticam a adesão às práticas virtuais e resgatam a falta sentida em relação às antigas vivências e jogos infanto-juvenis – pipa, jogo de bola, taco – que até recentemente praticavam. Possivelmente experimentem que a transposição da vida material para o espaço virtual signifique a interdição da troca de várias experiências, linguagens e expressões de afetos e sentidos que as cores, as fontes e os engessados *emoticons* – por mais variados que sejam – não são capazes de proporcionar.

O paulatino desmanche da materialidade do território contra a qual se digladiam é, assim, a supressão de lugares de surgimento e desenvolvimento de si e do outro nas potencialidades e limites do que podem viver no ambiente *off-line*. Possivelmente, a insistência com a qual o grupo se lança nos encontros face a face e a própria “guerra” entre bairros sejam uma maneira de resistir à completa desagregação dessa perspectiva do existir.

Quanto à relação que possuem com a escola, os dados evidenciam uma realidade de expulsões, reprovações, abandonos e trocas de escola, com o apelo último aos supletivos particulares, denotando mais uma vez a ausência de vínculos experimentada por grande parte dos membros. A lógica que vigora e sustenta a exploração da educação como mercadoria consolida e legitima uma ampla rede de escolas destinadas a simular um processo de formação, sinalizando para os jovens que existe o caminho “fácil”, que escolhê-lo é sinal de esperteza: “No dia da prova, vou lá, marco um X e passo”. A lição oferecida de que não se precisa obedecer às regras socialmente aceitas é plenamente decodificada: “Depois, faço o vestibular na Univali que sempre tem vaga remanescente, e aí entro”.

“Sempre” existem vagas remanescentes, não há uma seleção de verdade. A escola surge, então, burlando a regra, promo-

vendo um jogo de faz-de-conta, plenamente aceito pelos adultos e pela sociedade como um todo, legitimando assim a sua insignificância no imaginário juvenil, tanto para capacitar “de verdade” para um exercício profissional quanto como partícipe do processo de formação dos jovens.

No tocante à família, encontrei que o modo como a maioria vê o seu grupo familiar, a sua própria inserção em mais de um grupo de genitores e a moradia em mais de uma casa evidencia um significativo enfraquecimento dos vínculos e do ideário em torno do que seja a família para cada um, corroborando o que aponta Bauman (2003, p. 47, grifos do autor):

As chances de que a família sobreviva a qualquer de seus membros diminui a cada ano que passa: a expectativa de vida do corpo mortal individual parece uma eternidade por comparação. Uma criança média tem diversos pares de avós e diversos “lares” entre os quais escolher – “por temporada”, como casa de praia. Nenhum deles se parece com o verdadeiro “e único” lar.

É também visível no grupo uma carência de autoridade de pais e mães diante dos filhos, implicando uma grande dificuldade de imposição de limites quanto a horários, regras e pactos acordados em família, mostrando que nesse quesito, enfim, o grupo não é diferente do que já se conhece no geral em relação ao que se verifica com a família brasileira e mundial. Vigem uma fragilização dos vínculos, se olhados do ponto de vista da constituição do grupo familiar a que pertencem, na qual a maioria dos pais está separada e a família apresenta recombinações variadas. Mas é visível a articulação de uma resistência, se a análise recair sobre a intenção que declaram os jovens acerca da constituição de uma possível família.

Foi possível constatar que há uma certa ausência das famílias na vida da maioria de meninos e meninas, especialmente quanto ao preparo para a compreensão de regras sociais básicas que até recentemente orientavam a convivência em sociedade e o exercício do veto em relação a algumas práticas socialmente entendidas como inapropriadas. Penso que a autonomia que muitos dos jovens possuem traduz uma experiência de vio-

lência e de abandono<sup>9</sup> que concorrem para a falta de assistência aos filhos e filhas; conhecimento sobre o que estes e estas pensam, gostam e, finalmente, fazem<sup>10</sup>. Apenas por esse enfoque é possível compreender, em parte, por que quase crianças de 13 anos estejam adotando no seu cotidiano as práticas encontradas em campo; portando-se como senhores e senhoras absolutas de suas escolhas diante de uma realidade que os possibilita quase tudo e de uma sociedade atônita que se mostra incapaz – ou pouco desejosa – de gerar alternativas de abordagem do problema exposto. É também essa realidade que torna possível a muitos dos sujeitos entenderem suas famílias incapazes de orientá-los para a vida, desmaterializando também este vínculo, como pude verificar através de entrevistas.

Não obstante destacar esses três aspectos fundamentais, outros – como a política, a religião, os poderes constituídos – são igualmente questionados pelo grupo, aparecendo como pouco considerados como referências consistentes da orientação que dão ao discurso construído e às próprias escolhas de vida.

### 3.3 *Práticas e modos de vida: ágeis, provisórios e “em negrito”*

Nas vivências grupais quanto aos diversos aspectos acima abordados, encontrei a força do curto prazo (SENNETT, 2005) e da flexibilidade de padrões como traços marcantes, os quais possibilitam aos seus membros uma “agilidade” indispensável para a constante e imperativa mudança de posição. Uma situação ilustrativa desse quadro é a não efetivação de laços e compromi-

<sup>9</sup> É importante relatar que no grupo encontrei também meninos e meninas que fogem do padrão aqui discutido e em todos esses casos pude observar posições mais comedidas e atitudes mais ponderadas diante das escolhas grupais majoritárias que figuram como objeto das análises que desenvolvo.

<sup>10</sup> Certamente, as próprias famílias possuem razões que fogem à sua particularidade para se conduzirem desse modo. Não intenciono fazer aqui a condenação sumária dos pais e mães, mas uma análise **a partir da fala e das vivências juvenis** a que tive acesso, postura de pesquisa adotada desde o início. Os resultados que apresento em todos os momentos são frutos deste olhar.

tos mais densos, uma vez que o presumido é que tudo pode ser desmanchado sem maior embaraço, tornando até a idéia de grupo algo pouco compatível com essa realidade. O corolário de tal situação é a atribuição de pouca importância a qualquer coisa que ultrapasse a existência física imediata. Rompe-se com os coletivos humanos imortais (BAUMAN, 1998), com a tradição do passado – a memória – e com o futuro, inaugurando-se a definição do agora como o instante eterno.

Por todos os aspectos que exhibe o grupo, busco em Bauman (2003) o recurso teórico para sua compreensão por entender que suas idéias de **desengajamento** e de **substituição da regulamentação normativa pelos poderes sedutores do excesso** possibilitam em muito o entendimento da realidade<sup>11</sup>. O autor defende a idéia de que, nesse momento da modernidade, se vivem tempos e atitudes que configuram a inexistência de vínculo, de solidez, por um lado, e de compromisso e vigilância de condutas, por outro. Os entes coletivos – como o trabalho, o Estado, a família etc. – se desfazem como instâncias de regulação, orientação. O que surge como parâmetro de ação são a autovigilância e o automonitoramento vindos do próprio indivíduo – em *ultima ratio*, com o auxílio de programas de computador – com vista à obtenção do “tipo correto (funcional para o sistema) de comportamento” (BAUMAN, 2003, p. 115). Não há ordens dadas nem necessidade de obediência; não há lideranças a seguir nem obje-

<sup>11</sup> Ao discutir a situação da delinquência juvenil, Oliveira também recorre à idéia do excesso para entender a problemática que elegera para estudo, muito embora com um enfoque diferenciado. Apoiada em Aberastury e Rassial, a autora é de opinião que “[...] os desassossegos vividos em tempos de globalização” são os responsáveis por uma intensificação da **crise normal da adolescência**, o que interpretei como uma radicalização das dificuldades, imprecisões e dúvidas vivenciadas pelos jovens nesse período. Para a autora, a infração surge como o canal encontrado pelos jovens para expressar o seu mal-estar. “Logo, a delinquência juvenil pode ser tomada como produto de uma **adolescência exacerbada**”. (OLIVEIRA, 2001, p. 30-31, grifos meus). O que faço aqui é evidenciar a **constituição social** do que denomino **cultura do excesso**, tentando localizar no grupo em estudo a objetividade desse fenômeno. Destaco também que os “desassossegos” não se restringem à crise da adolescência, como situa a autora, mas pautam a inteira juventude encontrada no grupo, num movimento cíclico que e influencia e se expressa no real, como mostro no texto.

tivos ou penas comuns a assumir. Diz ainda o autor que o fechamento desse ciclo encontra novamente o indivíduo como o seu destinatário: “A sanção para a conduta imprópria é o prejuízo auto-infligido, atribuído à ignorância do interesse – do interesse individual e não do ‘bem de todos’” (Ibid.).

Quanto à “[...] substituição da regulamentação normativa pelos poderes sedutores do excesso” (Ibid, p. 117), diz Bauman que a origem dessa realidade se encontra no processo de produção, mais especificamente no momento histórico em que o valor do bem deixou de ser atribuído pelo seu produtor, tendo em vista o trabalho empregado na produção, escassez do material, entre outros, e passou a ser definido de modo apartado do produto e de sua produção. A valorização do bem passou a ser aferida pelo usuário do produto, com base no “desejo de busca de satisfação” pessoal. Diante dessa realidade, imprimir valor possui ligação direta não com produção de bens, mas de desejo. Desse modo, qualquer consumo é realizado para suprir necessidades imateriais e infindas, facilmente reproduzidas e potencializadas num cenário onde o que impera são a vontade do indivíduo e a sua capacidade (ou não) de providenciar a sua satisfação.

Sem referência no coletivo, por não se encontrar nele quanto à satisfação das suas ausências, o indivíduo está livre para desconsiderar aquilo que é posto como padrão de orientação dos comportamentos, concretizando a não assumida “sentença de morte das normas” (BAUMAN, p. 116). Citando Bourdieu, o autor aponta que a tentação e a sedução exercida pela promessa da satisfação do desejo são quem se colocam no lugar da “[...] regulação normativa e vigilância ostensiva como principais meios de construção do sistema e de integração social” (p. 119). Essa realidade torna a norma obsoleta e institui a transgressão como regra.

A conseqüência imediata para a ausência de regra, de parâmetro, é a ausência da idéia de limite. O indivíduo solta-se da obrigação de oferecer qualquer contorno às suas ações e como único responsável por si, parte na busca desenfreada com vista a completar-se, conforme assinala Brüseke (2002, p. 8): “Estamos vivendo num mundo onde as coisas e os homens perambulam pelos lugares sem poder estabelecer uma relação de sentido com

estes. As finalidades estão enfraquecidas e as possibilidades aumentam dramaticamente a sensação que tudo é possível em qualquer momento”. O excesso apresenta-se como único norte que promete o apaziguamento de um desejo incessante; o excesso ocupa a cena e, vencendo a disputa, toma o lugar da norma e já não é mais estranhado quando desponta como procedimento primeiro. Como regra das práticas, deixa de ser compreendido como gasto inútil, como “desperdício”.

O excesso passa a ser justificado como indispensável. Num mundo da infixidez e do descartável – inclusive em relação aos papéis sociais e pessoas –, o excesso é incorporado como condição básica, insumo primeiro da funcionalidade desse novo estar no mundo, como aponta Bauman (2003, p.118): “E na ausência da norma, o excesso é a única esperança de vida”. A realidade impõe a necessidade de muitos perfis, muitos gostos, muitas práticas, muitos estilos; impõe lidar sempre com as novidades, com os cenários multifacetados. O indivíduo, para responder ao real, retraduz-se indefinidamente, abandonando suas velhas cascas atrás de si. As moradias, os empregos, as profissões, as vidas, enfim, devem estar prontos para sempre recomeçar, re-escolher; de modo que o indivíduo deve estar sempre pronto para partir e, assim, poder livrar-se de “pesos” é fundamental para a sua flexibilidade na corrida rápida em que se transformou a vida.

Diante de possibilidades que se auto-reproduzem por todos os campos, gerando cenas sem maior fixidez, do indivíduo exige-se novamente a ação excessiva. Para validar a sua presença, a ação precisa pontuar o real excessivamente na busca do seu reconhecimento, da sua visibilidade. No meu ponto de vista, essa realidade instituída em nível de sociedade engendra a **cultura do excesso**, que não apenas passa a compor a vida na forma de fenômenos observáveis em todos os setores, mas como orientação básica primeira dos comportamentos.

Retornando ao cotidiano do grupo, posso observar o excesso povoando, em especial, a materialidade juvenil, seja no tocante à relação estabelecida com os eventos do meio – a alimentação, as festas, o vestuário, os esportes, os equipamentos, a virtualidade, entre tantos outros –, seja no tocante ao modo como

lidam com o outro. Desvinculando-se dos sentidos e funções originais, cada quesito desses – a seu modo – tem migrado para acenar ao indivíduo **quanto ao seu desejo** através das idéias da satisfação fugaz e do excesso – competentemente administradas pela lógica da produção de bens.

O alimento, exposto ao uso ostensivo de melhoramentos genéticos, agrotóxicos e requintadas técnicas industriais, desvençillou-se das contingências naturais e, com o suporte dos rápidos meios de transporte, venceu as barreiras geográficas. Do ponto de vista social, escapou ao ambiente doméstico, sendo agora mormente superapresentado na sua forma *fast-food* e guindado à marca de homogeneização da cultura – pode ser igualmente encontrado em todos os lugares, pronto para ser consumido em qualquer hora do dia ou da noite. Portado em embalagens práticas, pode ser conduzido a qualquer lugar e ser utilizado durante a realização de outras atividades. O detalhe mais curioso reside nas porções oferecidas em tamanhos cada vez maiores. Itens básicos da atual dieta alimentar juvenil, e deste grupo em particular, como sanduíches, pipoca, *pizzas*, refrigerantes, chocolates etc., são oferecidos em quantidades e tamanhos superdimensionados em relação à fome física de um jovem comum, mas certamente compatíveis à “fome” imaterial do sujeito. A enormidade das aparências decerto intenta desfazer a ausência radicada na intimidade dos jovens que, talvez, não encontrem o sentido de preenchimento em si próprio e/ou na relação com o outro.

As festas deixaram de ser normatizadas pelo calendário e pelo relógio. Melhor representadas pelas *raves*, são atividades que duram dias a fio, desconsiderando os dias da semana e os turnos do dia, superando a lógica e o lugar do lazer dessa natureza, antes mais restrito ao fim de semana e ao turno noturno. Também desconsidera os limites físicos do corpo, ainda preso à materialidade da necessidade de reposições e descanso. Superar essa condição humana limitada – e por isso indesejável – parece ser a vontade do “jeito *rave* de divertir-se”.

No tocante ao vestuário, exilado da sua função de proteger o corpo, ele se apresenta como recurso para a decodificação do sujeito pelo meio. Estar *in* ou *out*; ser radical, descolado,

desleixado, militante, desafiador – ou no código melhor inteligível aos jovens – ser *cool*, *paty*, *playboy*, *punk*, *rapper*, *rocker*, skatista, surfista, cdf...<sup>12</sup> é uma questão a ser resolvida a partir do que se veste, se calça, se usa. As tribos, os estilos são construídos numa casca que pode ser trocada exaustivamente, atendendo apenas ao desejo do sujeito e à oferta do mercado.

A realidade tem apontado que coletivos constituídos sobre uma aparência que prescinde de práticas no sentido de criar vínculos para além do imediato não solidificam vínculos de pertença, de partilha, de responsabilidades duradouras etc., o que inviabiliza a constituição do senso mínimo de uma comunidade realmente existente. Entretanto, atendem em plenitude às necessidades de um mercado ágil na substituição rotineira dos produtos em vitrines com perfis cada vez mais conquistadores, que falam direto à inquietação do ser mobilizado pelo ter. Ostentar a **novidade** é a máxima que re-insere o sujeito e permite a sua visibilidade. Descartar é a regra.

Os esportes, antes celebrados como instrumentos de construção do espírito de equipe e solidificação de posturas éticas no trato da competição limpa, aparecem reconfigurados tanto em meros apêndices de lógicas mercantis, onde o que vale é vencer a qualquer custo e render dividendos ao atleta e à empresa que o promove, quanto em modalidades diversas que realçam a idéia de desafio ao limite da vida. Saltos em elásticos e cordas de alturas cada vez maiores, carros de corrida com velocidades inimagináveis, vôos rasantes por fora dos aviões, conquista dos lugares “impossíveis” – como percorrer rios indomáveis, descer no âmago dos vulcões, escalar uma a uma as montanhas geladas etc. O atleta parece não suportar conviver com a idéia do limite; destarte, o esporte parece ser mais o correr riscos e vencer o limite do que a prática desportiva por si, configurando uma “explosão esportiva” só vista em nossa época. Em cada prática, “[...] trata-se do mesmo movimento de saída da norma, de hibridação, de “devires” que tendem quase à metamorfose. Tornar-se peixe, cabra-selvagem, tornar-se pássaro ou morcego” (LÉVY, 1996, p. 32).

<sup>12</sup> Para melhor apreciação deste aspecto, ver Silva, 2004.

Diferente de outros contextos históricos, na atualidade muito frequentemente as práticas não trazem atrás de si nenhuma defesa de honra, de um clube, de uma coletividade, de uma bandeira, mas são práticas solitárias que apenas e tão somente buscam a adrenalina do momento, buscam intensificar as sensações. Como diz Elias (1992, p. 116), as necessidades de lazer das atuais sociedades complexas, aqui configuradas no esporte, colocam a excitação como o “condimento de todas as satisfações”. Diferente de uma válvula de escape para a tensão, os constrangimentos e o perigo da luta real do dia-a-dia, como pontua o autor em relação ao papel do lazer na vida humana, considerável percentual das práticas esportivas da atualidade incorpora níveis de risco iguais ou maiores que aqueles implicados no cotidiano do indivíduo investido na intenção de propiciar a excitação e a superação do limite.

No tocante ao uso de equipamentos, destaco em especial dois por serem presenças ostensivas no grupo em questão: o celular e o computador. Pude ver que a relação dos jovens com eles também é pautada pelo princípio da ausência de fronteiras. Quanto ao celular, por exemplo, não há o critério de finalidade própria ou imprópria a um telefone. Com ele, pode-se marcar a hora, despertar, fotografar, conversar através de texto, ouvir músicas, jogar, gravar dados e imagens, acessar a internet, acompanhar a programação de rádio e TV, assim como discar simplesmente para , falar com alguém distante. É o instrumento por excelência que responde pela intensa conexão dos jovens com o mundo, operando ao mesmo tempo um distanciamento de quem está muito próximo. Além disso, o telefone – assim como o vestuário –, como signo da composição identitária, serve como objeto para exibição. Quanto mais completo, mais versátil, mais na moda, mais particular, melhor fala o aparelho do seu proprietário.

Do ponto de vista das empresas que operam a telefonia, as mensagens – nem tão subliminares – das campanhas publicitárias apelam, por um lado, para a individualização absoluta e, por outro, para a expansão ou dissolução de limites das práticas e da vida. A oferta de “Viver sem fronteiras”; “Claro que você tem mais”; “Aqui você fala, fala, fala” são mensagens que aparecem combinadas com a promessa de “Escolha o que combina com você”;

“Pronto Meu Jeito: você tem liberdade para escolher..”; “Encontre um celular que é a sua cara”. Na individualidade é que reside o poder para superar os limites.

A disputa pelo mercado de consumidores se assenta no oferecimento de “vantagens” muito frequentemente traduzidas pela idéia de expansão. Maior tempo de conversação disponível; mais “torpedos” para trocar com amigos; o mais diversificado repertório musical; jogos em maior quantidade e variedade; versatilidade de operações no mesmo aparelho: “Um telefone que é uma verdadeira operadora”; “Descubra um mundo de possibilidades na palma de sua mão”, é o prometido. Como tal, os serviços de caixa postal, transferência de chamadas, conversação entre três ou mais pessoas, entre outros, transcendem a condição fixa do aparelho doméstico e recolocam o indivíduo no não-lugar. O lugar é irrelevante. Todas as fronteiras espaciais desaparecem diante do poder de um simples teclado ao alcance de um dedo. O indivíduo, solto de todas as suas amarras, prende-se à esperança de um contato, de uma chamada para nela reencontrar o outro perdido no diluir do seu derredor. Assim se reencontrando, justifica as ofertas feitas pelas telefônicas de tempos excessivos de conversa, de quantidade excessiva de mensagens curiosa e avidamente consumidas.

Com o computador como equipamento, o observado é similar: a agressiva política de mercado tem reduzido cada vez mais o tempo de vida útil de um modelo lançado, oferecendo em tempos recordes novos modelos, funções, velocidades, capacidades de armazenamento etc., tornando “velho” um aparelho de seis meses de idade. No tocante às conexões, impera a promessa da rapidez: “Que tal mais velocidade na sua internet?”, pergunta um servidor local. O mundo à distância de um *clíc*...

A velocidade, a potência do acesso das máquinas e os recursos tecnológicos de interconexões da rede criam as condições para a intolerável espera, para vencer o tempo através da compressão quase absoluta da linearidade que instituímos, enfim, conquistar o tempo eterno (CASTELLS, 1999). Parece-me que, para as novas gerações, a intolerância com a espera, com o tempo necessário às atividades da vida gera um descompasso, com conseqüências nem todas conhecidas, entre um corpo que na sua materialidade é obri-

gado a cumprir processos biológicos e sociais – cada vez mais acelerados, é verdade – e uma adesão psico-emocional quase absoluta aos ajustes temporais hoje consolidados. Certamente, novos significados estão sendo gestados para as realidades do que seja amadurecer, relacionar-se com o outro, perceber-se a si próprio.

Outro aspecto fundamental a ser considerado é quanto à realidade virtual experimentada. Embora já tenha apreciado aspectos dessa questão ao longo do trabalho, acrescento que a rede é o lugar privilegiado por excelência de manifestação da **cultura do excesso**. A rede é o lugar onde a idéia de limite só existe como ponto de partida, uma vez que nem todos têm ainda acesso aos computadores, especialmente em países com grandes parcelas de população empobrecidas, como é o caso do Brasil. Uma vez conectado, o indivíduo experimenta a condição do hiper-ser. Morre o tempo, morre o espaço como dimensões criadas e vivenciadas a partir da experiência humana. Morrem os códigos culturais próprios de cada usuário, e elege-se a cultura global homogeneizada, a qual aparece muito mais como produto pronto para consumo de acesso comum a todos, na forma de produtos, bens, mensagens e imagens (HALL, 1998). Morre o último porto de fixidez do ser que é o próprio corpo, fazendo surgir na virtualidade algo novo, como bem afirma Leaning (1998):

The Internet provided the environment through which we can extend ourselves to places and spaces unvisitable with our corporeal bodies. Our computers allow for cyborg selves to be constituted in virtual environments. We create a cyborg self, a self that is not a copy of one of the selves that we may present in daily life but rather computer assisted and constituted self. In successfully using the Internet we become cyborgs.

É como um *cyborg* que tudo pode, tudo vê, tudo experimenta que nos lançamos na virtualidade. A esse novo “ser” todopoderoso, são possíveis a onipresença e o mais particular de todos os talentos: a recriação. De acordo com a necessidade da vida virtual ou o mero desejo do usuário, o *cyborg* pode transfigurar-se em homem, mulher ou animal, assumir quaisquer caracteres físicos; viajar pelas diversas eras históricas; possuir habilidades

impensadas; superar as dificuldades nunca fenecendo diante delas, constituindo-se, por fim, num hiper-ser. Do ponto de vista da realidade juvenil, se a adolescência é a materialização do sonho adulto hoje, como diz Calligaris (2000), a vida virtual pode ser a eternização deste sonho para os próprios jovens, entre outros: os personagens não crescem, não envelhecem, não se submetem aos limites de corpo ou limites sociais.

Nessa mesma perspectiva, também se coloca a realidade virtual como um todo o qual o hiper-ser habita. Como produto direto da combinação entre o desejo, a habilidade técnica do usuário e um conglomerado de *bites*, modelos combinatórios e bancos de memória, o real surge desprendido de qualquer origem (BAUDRILLARD, 1988). Assim, o real pode ser reproduzido ou modificado indefinidamente, passando a existir por si próprio, e a se conferir a autogarantia, prescindindo de demonstração material, já que o mundo material não alcança mais as condições para fazê-lo (BAUDRILLARD, 1997). O real conforma-se finalmente como uma simulação, nos termos em que o autor segue apresentando: “Simulation is no longer that of a territory, a referential being or a substance. It is the generation by models of a real without origin or reality: a **hyperreal**.” (1988, p. 1, grifo meu). No ambiente hiper-real, onde signos do real são capturados e potencializados para além do que normalmente podem expressar, os modelos respondem pela totalidade, fazendo com que as fronteiras entre o real e o imaginário se esmaeçam, e ambos, numa simbiose indissolúvel, passam a gerar efeitos reais na vida material com igual força. Nada mais há “[...] de separação, de vazio, de ausência: entramos na tela, na imagem virtual sem obstáculo. Entramos na vida como uma tela. Vestimos a própria vida como um conjunto digital” (BAUDRILLARD, 1997, p. 146).

Nesse contexto, o esperado é – uma vez confundidos o real e o imaginário – que o ser busque no mundo material as potências do mundo virtual e, em não as encontrando, estabeleça a nostalgia como sentido do real (BAUDRILLARD, 1988), apartando-se da referência material como mais significativa, ou tente transpor o hiper-real virtual como estratégia de sobrevivência diante de sua materialidade.

No primeiro caso, o desencanto com a distância que reside entre o corpo material – limitado, exposto às vicissitudes da vida – e o *cyborg*, absolutamente poderoso, pode se constituir num indicativo para compreender as recentes estatísticas que dão conta dos crescentes casos de dependência de práticas virtuais. É nas práticas virtuais que a cada vez maior compulsão humana pela perfeição, pela conquista, pelo rompimento de todos os limites encontra terra fértil e se propaga velozmente, ao ritmo do manuseio do teclado ou do *joystick*. Não seria absurdo ponderar que o *cyborg* se apresenta cada vez mais como uma prótese adotada pelo ser humano e mais facilmente quando este – ao se ver incompleto, falível, derrotado, limitado – encontra ao seu redor um meio acanhado e hostil que lhe impede de enxergar como viáveis as possibilidades comuns de existência. Além disso, a doação de si para a conformação de um *alter* infalível e perfeito implica a injeção cotidiana de energia vital, expressa em tempo de conexão, elaboração de estratégias virtuais, sonhos elaborados e negação do eu próprio em função do *alter*. O esforço termina por “esvaziar” o ser, colocando-o em função do personagem. O reencontro do ser consigo pode pautar-se pela insatisfação dupla: não apenas porque está vazio do seu *alter*, mas também porque se esvaziou para o seu *alter*.

Na segunda alternativa, possivelmente aqueles que não adotam a realidade virtual como prótese sumária – os jovens em discussão neste tópico, por exemplo – estejam recebendo a mensagem de que, para atuar no mundo material com um mínimo de possibilidades que a virtualidade oferece, é preciso assemelhar-se ao *cyborg*, transpondo assim a condição ilimitada para a vida *off-line*, **com todas as conseqüências que o gesto implica**. Nesse ponto, chegaríamos novamente à hiper-realidade, mas num sentido vetorial onde a existência virtual estaria produzindo a existência material e estabelecendo, novamente, relações imbricadas de interdependência entre os dois mundos de modo a apagar as distâncias entre sujeito e objeto.

Do ponto de vista do indivíduo, as possibilidades infinitas dessa “combinatória em aberto” que é a realidade virtual (BAUDRILLARD, 1988) o deixa livre para realizar a única coisa

que conta: o compromisso consigo mesmo, ou melhor, com a sua satisfação imediata; com a realização do seu prazer mais particular sem ater-se a qualquer óbice. Realizando-se “[...] como um supermercado da escolha minoritária infinita” (VIANNA, 2005), o *cyberspace* e as práticas que abriga podem se constituir numa incubadora da intolerância, da incapacidade de convivência com o diferente, circunstâncias onde não há espaço para a negociação e acordos. A desistência do outro, por vários mecanismos, pode estar sendo gestada também nesse meio. Nesse sentido, o estatuído por Oikarinen no protocolo IRC é paradigmática: concorde com as regras ou saia e monte o seu canal com o seu jeito. Submeta-se ou submeta os demais.

#### 4 Considerações finais

O esforço empreendido até aqui se fez no sentido da configuração do que chamei de **cultura do excesso**. Destaquei como concorrentes principais deste fenômeno a diluição das instituições normativas – como família, escola, território – e a fluidez que caracteriza aspectos do cotidiano dos jovens em apreço – como a alimentação, o vestuário, o lazer, a virtualidade. O esforço se explica pela força que tem a realidade do excesso como reveladora da natureza das vivências e práticas encontradas no espaço de convívio do grupo SDF e nas relações que este mantém com o mundo que o cerca.

Convém notificar, portanto, que acredito que as práticas encontradas matizadas pela violência, pelo desrespeito a si próprio e ao outro encontram estofo considerável nas questões antes apontadas. Tais práticas encontram ancoragem numa certa ausência de referências até recentemente vigentes e na substituição destas pela possibilidade de perspectivas ilimitadas oferecidas por diversos contextos da atualidade. Entretanto, em decorrência da natureza fluida do novo parâmetro, pouco se materializa como tal ou como produtor de sentido à vida.

O que encontrei no grupo de comportamento autoritário, agressivo e violento dirigido aos seus próprios membros e às demais pessoas com as quais interagem é demonstrativo

emblemático do que tenho trazido à discussão. O nível de risco que estão dispostos a correr nas aventuras legais e ilegais que praticam encontra explicação nas mesmas argumentações. Por fim, penso que o agir que caracteriza o grupo, seja na realidade *on-line*, seja na *off-line*, se mostra como um recurso último à aquisição do reconhecimento diante dos pares e dos demais. O agir abusivo observado não encontra explicação apenas numa certa “revolução hormonal”, num delimitado comportamento transgressor por parte daqueles que desejam criar o novo ou ainda num conflito de gerações; aspectos costumeiramente considerados característicos da fase juvenil analisada. Mais que isso: a experiência juvenil do SDF encontra lugar e potencializa-se a partir de uma realidade orientada – em vários aspectos – pelo sentido do excesso. Além disso, para a juventude em análise – colonizada pelo desejo dos adultos, órfã de parâmetros orientadores e diluída na ausência de fronteiras entre o real e o virtual –, custosa se mostra a demarcação de um lugar. O exceder-se na ação, em qualquer campo que expressem o seu fazer, apresenta-se como única maneira de ser visto. Desse modo, reencontra-se com a sociedade fechando o percurso do que venho chamando de **cultura do excesso**.

### Referências bibliográficas

ARCE, José Manuel Valenzuela. Modernidad, postmodernidad y juventud. *Revista Mexicana de Sociología*, vol. LIII, núm. 1, enero-marzo/1991. p. 167-202.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mitos-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997. 174 p.

\_\_\_\_\_. **Selected writings**. Stanford University Press: ed. Mark Poster. Stanford; 1988. p.166-184.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 110 p.

\_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca de segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. 141 p.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.

\_\_\_\_\_. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 7-11; 190-204.

BRÜSEKE, Franz Joseph. Paris na América ou a condição humana e a modernidade (uma contribuição à sociologia fantástica).

**Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas/PPGICH**, nº 42 – Série especial. Florianópolis, novembro/2002. 10 p.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 81 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol. II. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-28; 71-84; 257-285.

CASTRO, Clarissa Fonseca de. **Voyerismo on-line: contemplando a sociedade digital do espetáculo**. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/Voyerismo.html>>. Acessado em: 2/9/05.

COSTA, Jurandir Freyre. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

FAU, René. Características gerais do grupo durante a adolescência. In: BRITO, Sulamita (Org). **Sociologia da Juventude, III: A vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 43-46.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. 284 p.

FEIXA, Carles. O aposento dos adolescentes na era digital. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE “JOVENS, SOCIABILIDADES E CULTURAS URBANAS”. Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 5-7, abril/2004. 25 p.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Editora da USP, 1972. p. 11-51.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998. 102 p.

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In: BRITO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude, III: A vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 113-24.

LEANING, Marcus. **Cyborg selves: Examining identity and meaning in a chat room** Dissertation submitted as course requirement for the M.Sc. Social Analysis, South Bank University. October 1998 Disponível em: <http://www.geocities.com/Athens/Atrium/2136/Theory.html> >. Acessado em 20/8/05.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 157 p.

LIMA, Raymundo de. “Bullying”: uma violência psicológica não só contra crianças. **Revista Espaço Acadêmico**. nº 43, Dez. 2004, Ano IV.

MANCE, Euclides André. Realidade Virtual: a conversibilidade dos signos em capital e poder político. **Revista Lumen**, 2(4): 75-135, jun/1996. Faculdades Associadas Ipiranga, São Paulo, SP. Disponível em: <[www.milenio.com.br/mance/real.htm](http://www.milenio.com.br/mance/real.htm)>. Acessado em: 12/9/05.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (Ed.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-30.

MARTUCCELLI, Danilo. Figuras y dilema de la juventud en la modernidad. **Revista Movimento**. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: nº 1, DP&A Editora, 2000. p. 28-51.

OIKARINEN, J. e REED, D. **Internet Relay Chat Protocol**. May 1993. Disponível em: <<http://rfc.sunsite.dk/rfc/rfc1459.html>>. Acessado em: 14/7/05.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Meridional, 2001. 255 p.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Linguagem e comunicação no IRC**. Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação do XXIV INTERCOM. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und>>. Acessado em 22/9/05.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005. 204 p.

SILVA, Ana Maria Alves Carneiro da. **Reconnectando a sociabilidade on-line e off-line**: trajetórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat, 2000. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 221 p.

SILVA, Valéria. **Ações coletivas juvenis na atualidade moderna**: uma análise do Movimento Contra o Aumento do Transporte Coletivo em Florianópolis-SC. III JORNADA ACADÊMICA DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CRIANÇA E ADOLESCENTE. Anais. Florianópolis, 2004.

SILVA, Marlúcia Valéria da. **Identidade juvenil na modernidade brasileira**: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas, 2006. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Florianópolis.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997. 670 p.

VIANNA, Hermano. **As tribos da internet**. Disponível em:  
<<http://www.alternex.com.br/~esocius/t-herman.html>>.  
Acessado em 20/8/05.